

Editorial

A TERCEIRA VIA

Jesus disse:

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.”

João 14.15

Podemos dizer que a cristandade nos nossos dias divide-se entre dois extremos, no que diz respeito à interpretação da mensagem da Bíblia e à sua aplicação na vida do cristão:

- A obediência cega ao texto da Bíblia e das suas leis, não percebendo o seu espírito, mensagem e intenção, esquecendo o amor e misericórdia divina. O que tem muita semelhança com o que se passava nos tempos de Jesus e está relatado em **Mateus 23.23: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas.”**
- A exaltação de um conceito de amor pseudo-cristão, mas em que a obediência à vontade de Deus e às suas leis está totalmente ausente. Aqueles que revelam este tipo de atitude deviam pelo menos atentar para o que Jesus disse como advertência e está reportado em **Mateus 7.21-23: “Nem todo o que me diz: Senhor! Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demónios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.”**

Na opinião do autor destas linhas, o verdadeiro cristão tem de assumir uma “**terceira via**”, a via do Senhor Jesus Cristo. Cristo foi e é o exemplo de como é possível, desejável e necessário, que cada cristão sinta e exalte na sua vida o grande amor que está contido na mensagem de Salvação de Deus e, ao mesmo tempo, seja fiel a Deus e voluntariamente obediente aos mandamentos e à vontade do Deus único e verdadeiro.

Contrariamente ao que alguns teólogos do nosso tempo proclamam, é possível e inevitável, que a Fé e a graça divina tenham por resultado uma atitude de obediência e de santidade em cada crente sincero.

O apóstolo Paulo escreveu: **“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” Gálatas 6.2.** Em Romanos 3.31 é também o “apóstolo dos gentios” que escreve: **“Anulamos, pois a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei.”**

Nunca será demais lembrar que a própria Bíblia caracteriza a Igreja verdadeira como o conjunto de crentes que **“guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus” (Apocalipse 12.17; 14.12).**

AMOR E OBEDIÊNCIA AOS MANDAMENTOS DE DEUS, nunca poderão estar desagregados!

A Revista Compreender tenta levar até si a perspectiva de que existe uma **“Terceira Via”** alternativa às correntes doutrinárias e teológicas do nosso tempo, a **A VIA DE CRISTO!**

O Sermão da Montanha

**Guia para a interpretação da Palavra de Deus
e para o desempenho do verdadeiro cristão**

INTRODUÇÃO

É manifesto que a Palavra de Deus, a Bíblia, é apregoada hoje por toda a cristandade como a base da fé e da doutrina. No entanto, é evidente que, apesar dessa base comum, existem centenas, ou mesmo milhares, de organizações diferentes e com pontos doutrinários não só diversos, como frequentemente antagônicos.

É impossível que, usando a mesma base de partida, interpretações do mesmo texto bíblico sejam, ao mesmo tempo, opostas e verdadeiras.

Deus diz que a Verdade, a Sua vontade e Palavra são únicas, não pode pois haver confusão originada da parte do Criador Todo-poderoso. Se existe essa confusão e contradição, ela tem que partir do ser humano e da maneira como ele interpreta o texto sagrado.

Todo o verdadeiro e sincero crente deve estar ciente que o próprio Cristo avisou que surgiriam falsas doutrinas aproveitando-se do Seu nome e da Sua Palavra.

Um dos textos mais importantes para percebermos a ligação entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, entre o Antigo Concerto e o Novo Concerto e para termos uma visão completa das implicações do cristianismo é o famoso Sermão da Montanha.

É sobre este texto, tão falado e conhecido e, ao mesmo tempo, tão mal compreendido, que iremos meditar neste e em próximos artigos da revista Compreender.

Vamos ouvir e ler as palavras do nosso admirável Salvador e Senhor, Jesus Cristo, escritas por Mateus no seu Evangelho e expostas nos **capítulos 5 a 7** (usaremos principalmente a versão da tradução interconfessional em Português moderno).

Aconselhamos o leitor, antes de ler o presente artigo a fazer uma leitura destes três capítulos do Evangelho de Mateus, onde irá notar que todo o texto está escrito em discurso directo de Jesus, com excepção apenas dos dois primeiros versículos do **capítulo 5** e dos dois últimos do **capítulo 7**.

1ª

Parte

O capítulo 5 do Evangelho de Mateus

SERÁ QUE AS PALAVRAS DE JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA DIRIGIAM-SE TAMBÉM PARA A IGREJA DOS NOSSOS DIAS?

Existem correntes teológicas do nosso tempo que advogam que algumas das cenas passadas com Jesus e as instruções resultantes destas relatadas nos Evangelhos não seriam para aplicar nos nossos dias, pois destinavam-se aos judeus da época.

Sem entrarmos nesta questão genérica, em relação ao Sermão da Montanha verificamos muito claramente que o discurso de Jesus é um discurso universal e não limitado por épocas e culturas.

O texto de **Mateus** no versículo **2** do capítulo **5** diz que “**Jesus começou então a ensiná-los**”. No final do mesmo Evangelho é o próprio Jesus que ordena a missão da Igreja dizendo que estava na responsabilidade de todos os que o seguissem “ensinar” em todo o mundo aquilo que Ele tinha mandado (**Mateus 28.18-20**). O Sermão da Montanha é sem dúvida uma peça imprescindível para esse ensino.

No Sermão da Montanha, Jesus ensina-nos não só qual o caminho de Deus para cada um de nós, mas também como sentir e viver interiormente esse caminho.

AS BEM-AVENTURANÇAS – O SEGREDO DE SER FELIZ CONTRA A CORRENTE DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS (Mateus 5.3-12)

Trata-se de um dos textos mais conhecidos de toda a Bíblia.

As palavras “felizes” ou “bem-aventurados”, derivam do original grego “makarius”.

Todas as características das “bem aventuranças” são importantes para o cristão e devemos procurar obtê-las na nossa vida e comportamento. Jesus diz-nos que os que o seguem e fazem parte do seu Reino, devem revelar necessidade de saber mais da parte de Deus **(v3)**, devem ser sensíveis às necessidades dos outros e ao pecado do Mundo **(v4)**, devem ser humildes ou mansos **(v5)**, devem ser cumpridores da vontade de Deus **(v6)**, devem ser misericordiosos **(v7)**, devem ser sinceros **(v8)** e devem ser pacificadores **(v9)**.

A exposição destas condições por Jesus Cristo conduz-nos à evidência de que Jesus centralizava a sua mensagem na necessidade de uma mudança efectiva da condição interior e exterior daqueles que se propunham segui-lo através dos tempos.

A promessa de Jesus em relação aos seus seguidores centra-se no seu Reino futuro, o qual deverá ser vivido em esperança já hoje, apesar de todas as dificuldades.

O que Jesus expõe claramente é que a decisão de segui-lo é uma decisão que tem riscos nesta vida, pois segui-lo é entrar em contracorrente e em conflito com a maneira de viver da sociedade em que estamos inseridos. Seguir Jesus com sinceridade e inteireza de coração é arriscado e, por vezes, perigoso nos nossos dias, mas a promessa final é maravilhosa para aqueles que Lhe forem fieis, sem entrarem em compromissos impossíveis com este mundo **(Mateus 5.10-12)**.

Jesus diz-nos que os que estão espiritualmente modificados pela influência divina podem ser felizes e ter paz, mesmo nas condições mais difíceis, pois a sua esperança está guardada de forma indestrutível para a vida eterna no Reino de Deus.

O CRISTIANISMO VERDADEIRO É UM CRISTIANISMO VISÍVEL (Mateus 5.13-16)

O cristianismo só tem sentido se as pessoas o assumirem como um modo de vida, dando testemunho da sua fé e da esperança que Deus nos deu através de Cristo. Equilíbrio **(v13)** e

visibilidade (**v14-15**) são condições necessárias para aquele que em sinceridade segue o Senhor Jesus.

A luz de Cristo deve ser visível em todo o mundo através do exemplo de todos os Filhos de Deus (**v16**).

Devemos notar que o **versículo 16** é uma ligação entre as “bem aventuranças” e a exposição que Jesus faz seguidamente acerca da Lei, quando é chamada a atenção para as “boas acções” que devemos praticar.

A POSIÇÃO DE JESUS CRISTO FACE À LEI DO ANTIGO TESTAMENTO (Mateus 5.17-48)

A compreensão dos **versículos 17 a 19** é muito importante para se ter uma visão plena e verdadeira da posição de Jesus face à Lei e do que esta deve representar para o cristão no Novo Concerto. Estes versículos são usados erradamente por muitos, para justificar a sua doutrina e a posição de que a Lei pouco tem a ver com a salvação dos cristãos. Nada mais errado e perigoso, como iremos ver, pois essa interpretação é contrária às palavras do Senhor.

No **versículo 17**, Jesus começa por dizer que não quer qualquer mal entendido, pois ele não estava de forma alguma a ir contra a Lei do Antigo Testamento, mas estava a dar-lhe “cumprimento”.

A compreensão do sentido da expressão “cumprir” ou “dar cumprimento” é essencial.

A palavra grega usada neste texto é “pleroo” a qual significa “encher” (a mesma palavra é usada em **Mateus 13.48**) ou “dar consistência”.

Seguidamente, Jesus garante que a Lei de Deus é para permanecer mesmo no tempo do Novo Concerto e que os servos fiéis devem ensinar essa vontade de Deus (**v18-19**).

O **versículo 20** é muito importante para entendermos a intenção de Jesus quanto à Lei. O que estava em causa não era propriamente a existência da Lei, mas a maneira como ela era interpretada ou aplicada.

É nesta nova maneira de ver a Lei que se centra o texto seguinte. Jesus ensina o propósito da Lei e a maneira como se deve entender o seu objectivo e o seu significado.

Jesus ensina o que é “encher” a Lei, ou seja, juntar à letra da Lei o espírito da mesma.

A Lei do Antigo Testamento é a Lei do Novo Testamento e dos cristãos, o cristianismo não anula a Lei, ele, pelo contrário, dá ainda mais sentido à sua existência.

Nos versículos seguintes, Jesus explica o espírito da Lei. Ele usa como exemplos os mandamentos “**Não Matarás**” (v21-26) e “**Não cometerás adultério**” (v27-30). Além destes, Ele usa outros preceitos da Lei, mas a ideia principal é sempre a mesma: para os que seguem Jesus os preceitos da Lei tem que ser entendidos em toda a sua extensão e devem ser observados e mesmo ultrapassados no valor dessa observância. Jesus diz-nos que não nos devemos limitar a cumprir com a letra da Lei, muito menos devemos considerar que a Lei está fora do contexto da vida do cristão, pelo contrário, aquele que está em Cristo e o aceita como Senhor e Salvador deve cumprir a Lei indo muito mais além daquilo que a Lei exige.

Esta ideia está bem expressa no **versículo 41** “**Se alguém te obrigar a levar alguma coisa até a um quilómetro de distância, acompanha-o dois quilómetros**”.

A obediência a Deus e à sua Lei, em Cristo, não é uma obrigação, mas sim uma consequência do nosso amor pelo Salvador e da influência do Espírito Santo em nós. Assim, se a vontade de Deus, expressa na sua Lei, nos pede um determinado comportamento ou atitude, o amor que sentimos por aquele que nos ama de sobremaneira, deve-nos levar a obedecer indo mais além do mínimo que a Lei nos pede.

Como podem, aqueles que dizem amar Jesus, afirmar que a Lei que Jesus magnificou no Sermão da Montanha e da qual não é lícito alterar coisa alguma (v18), não tem sentido no Novo Concerto?

Este ensinamento de Jesus magnificando e salientando o conteúdo espiritual de toda a Lei do Antigo Testamento, está em perfeito acordo com o que tinha sido profetizado por Jeremias e Ezequiel, e reafirmado no livro de Hebreus. As leis de Deus seriam escritas no interior dos verdadeiros crentes na vigência do Novo Concerto (**Jeremias 31.33; Ezequiel 11.19-20; Hebreus 8.8-13; 10.14-18**).

A função da Lei não é salvar alguém, mas antes mostrar o pecado e servir de guia para a nossa santificação, através do poder do Espírito de Deus, de forma a sermos perfeitos como o é o nosso Pai Celestial (v48).

Toda a interpretação acerca da função da Lei na nova dispensação, nomeadamente das epístolas paulinas, deve passar por estes ensinamentos que Jesus deixou no Sermão da Montanha. Através do Espírito de Deus e da Sua sabedoria podemos encontrar um ensinamento verdadeiro e não contraditório entre todos os textos da Bíblia Sagrada.

(continua no próximo número)



Vitor Quinta

Reflexões sobre a vida e a morte

Sêneca dizia com grande sabedoria que:

“O homem vive preocupado em viver muito e não em viver bem, quando afinal não depende dele viver muito, mas sim viver bem”

Desde sempre o homem temeu a morte. O conceito que o homem faz deste estado varia de indivíduo para indivíduo, em função da sua educação, da sua filosofia de vida ou religião que professa, bem como da sua maturidade e grau de espiritualidade.

Através dos tempos, várias têm sido as teorias desenvolvidas por filósofos, teólogos e outros pensadores, procurando explicar de uma forma mais ou menos racional e à luz dos seus conhecimentos ou crença, como é que o ser humano “vive” após a sua morte física.

As correntes filosóficas ou religiosas que com maior ou menor profundidade têm procurado explicar aquele estado são inúmeras e temporais. De todas estas correntes de pensamento podemos destacar uma única que desde o princípio do mundo vem oferecendo a mesma explicação e que resistiu até hoje: aquela que nos é revelada através da Palavra de Deus.

Porém, mesmo essa explicação encontra difícil aceitação por parte de muitos dos chamados cristãos. Apesar de cerca de 2 mil milhões de almas se dizerem cristãos e beberem da fonte que é a Bíblia Sagrada, existe uma grande diversidade de interpretações desta Palavra, nomeadamente no que à morte diz respeito.

O homem aspirou sempre à imortalidade. Essa aspiração é tão grande e tão eivada de vaidade, própria do homem, que mesmo nas religiões ditas de cristãs muitas são as que pregam a imortalidade da alma humana, já que o corpo, esse, é reconhecido por todos que se corrompe e perece nesta vida.

Mas na outra vida, aquela a que todos os seres humanos aspiram, a vida eterna, vêm afirmando que as almas dos que já morreram e se santificaram estão já vivendo com o seu

Criador, ou que então estarão já no inferno ou no purgatório (este último uma invenção humana sem qualquer fundamento bíblico, retirando benefícios da ignorância dos seus seguidores). E a partir da falácia da imortalidade da alma, inventaram estágios para a alma do homem depois de morto: inferno, purgatório e paraíso, induzindo que ainda existe esperança para as almas que forem remetidas para o purgatório. Falsa esperança! Mentira diabólica.

Tais conjecturas só têm servido para enganar o povo e lucrar com tal ignorância. A crença da imortalidade da alma é um erro antigo que vem sendo perpetuado. Surgiu através de filósofos vários, com predominância para os gregos – antiguidade clássica, sendo mais tarde retomada pela igreja de Roma. Esta, aceitando a imortalidade da alma veio introduzir a ideia do purgatório no ano 590 d.C., através de Gregório, o Grande. Através do erro da imortalidade da alma estava aberto o caminho para a introdução de grandes heresias na Igreja como o culto aos santos e a Maria, mãe de Jesus.

Valerá a pena ler as Escrituras na carta aos **Hebreus 9.27** e em **Eclesiastes 9.5**.

Mas se este é, em duas linhas, o quadro da filosofia ou religião de raiz judaico-cristã, também nas filosofias ou religiões orientais caiem em crenças semelhantes ou ainda piores. Na generalidade, todas elas apontam para caminhos de redenção através de estágios de aperfeiçoamento e reencarnações sucessivas, até se poder atingir um estado de quase perfeição e elevação espiritual que deverá conduzir o ser humano (leia-se o homem, porque a mulher aparece secundarizada ou mesmo desprezada nalgumas dessas religiões) a um nível de vida superior, a um plano que o homem, na sua condição humana, não pode ver.

A Bíblia Sagrada vem-nos dizer claramente que o homem é mortal: **Salmo 8.4. "Lembra-te que és pó e em pó te tornarás"**. Vale também a pena ler o que nos é dito no livro de **Eclesiastes 3.19-21**. Em **Eclesiastes 12.7** é-nos dito que o corpo desce à terra como era e o espírito volta a Deus que o deu.

Desde que nasce, o homem convive permanentemente com a presença da morte, embora procure afastar tais pensamentos da sua mente. De uma maneira geral, a perspectiva da morte do ser humano é muito menos apercebida (ou disso se tem menos consciência) no período da sua juventude. Porém, é neste período que, por vezes, o jovem acorda de uma maneira brusca e brutal para a realidade inelutável de que a passagem do ser humano por esta vida é breve. A Palavra de Deus chama-lhe um "tempo de peregrinação": **Hebreus 13.14; Salmo 119.19** e **1Pedro 2.11**.

Quando tal acontece, o jovem toma consciência desta triste realidade e guarda na sua memória, para o resto dos seus dias, o registo de acontecimentos nefastos que se possam ter passado com outros jovens da sua idade seus conhecidos e que desapareceram prematuramente.

Pelo contrário, à medida que o ser humano vai envelhecendo, a presença ou proximidade da morte vai-se tornando mais nítida na sua consciência, sabendo que já lhe vai restando menos tempo para viver e que a suas forças e capacidades vão diminuindo.

Se a um idoso lhe fosse dito que lhe restariam poucos dias para viver, isso talvez não constituísse surpresa para ele, podendo esperar-se uma de duas reacções:

- **resignação, aceitação, ou mesmo regozijo, ou**
- **luta para conseguir prolongar a sua vida neste mundo (tome-se o exemplo do Rei Ezequias – Isaias 38.1-5).**

Mas se o mesmo for dito a um jovem a sua reacção pode ser muito diferente. Talvez a mais comum seja a da revolta contra tal sentença.

É aqui e hoje que devemos reter o que a Palavra de Deus nos diz em **Eclesiastes 1.9**:

“Lembra-te do Senhor nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias em que digas não tenho neles contentamento”.

A morte física do homem é assim um destino a que nenhum ser humano pode fugir.

Onde está pois a esperança?

A única esperança de escapar da morte eterna está somente em Cristo – **João 5.24-29**.

No entanto, a vida não está nas nossas mãos e, por vezes, a morte aparece de forma não anunciada. E uma vez terminada aqui a nossa carreira, o que nos espera é a sepultura (estado inconsciente no que a Bíblia designa por “inferno” ou “lugar inferior”) aguardando o julgamento do Nosso Senhor Jesus Cristo e a redenção a todos os que o aceitaram como Salvador.

O único que venceu a morte foi Jesus Cristo, o Filho de Deus, a quem o Pai ressuscitou dos mortos para cumprimento da promessa, e esperança para todos os que nele crerem. Depois dele, muitos também venceram a morte, por Cristo, mas ainda aguardam no pó da terra a ressurreição para a vida eterna e a segunda vinda do seu Senhor e Salvador **“aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”.**

Vitor Quinta



Manuel Santos

O Senhor justiça nossa

**"O homem chega mais depressa a Marte do que ao seu semelhante."
José Saramago**

"A Declaração Universal dos Direitos do Homem fez cinquenta anos no dia 10 de Dezembro de 1998. A instituição de um dia nacional, a edição do texto em Braille e a sua tradução em várias línguas, que têm representatividade no nosso país, foram algumas das efemérides para o aniversário **do texto mais citado e mais ignorado pelos senhores do mundo.**

Os principais destinatários desta Declaração Universal são, sem dúvida todas as pessoas, independentemente da sua raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou origem social. Ao todo são trinta artigos e todos eles proclamam direitos básicos, incluindo o mais básico deles todos -- a vida.

Vinte por cento da população mundial controla 80% de toda a riqueza produzida na Terra.

Os 225 habitantes mais ricos do planeta têm tanto como os 2500 milhões de habitantes mais pobres.

As 3 pessoas mais ricas do mundo possuem tanto como os 48 países menos desenvolvidos.

Nos países desenvolvidos há mais de 100 milhões de pobres.

Nos países pobres 2640 milhões de habitantes, carecem de saneamento básico;

1100 milhões não possui habitação adequada; e 2000 milhões sofre de anemia. Nove por cento das crianças dos EUA vivem em condições de absoluta pobreza."

(In Correio da Manhã)

Número de países que violam os principais direitos humanos:

| | | |
|-------------------------------|----------------|-----------|
| Execuções Sumárias | África | 21 |
| | América | 15 |

| | | |
|----------------------|----------------------|----------|
| Desaparecidos | Médio-Oriente | 9 |
| | África | 8 |

| | | |
|-----------------------------------|---------------|-----------|
| Torturas e maus tratos | Europa | 28 |
| | África | 31 |

| | | |
|-----------------------------|---------------|-----------|
| Presos Políticos | Ásia | 18 |
| | África | 27 |

| | | |
|------------------------------|----------------------|-----------|
| Erros Judiciários | África | 8 |
| | Médio-Oriente | 13 |

| | | |
|---|----------------------|-----------|
| Detenções Arbitrárias, Pena de morte e Execuções | África | 20 |
| | Ásia | 12 |
| | Ásia | 12 |
| | Médio-Oriente | 10 |

| | | |
|--|---------------|-----------|
| Violência de organizações paramilitares | África | 12 |
| | Ásia | 9 |

“Fala-se hoje tanto de direitos humanos! O mundo lembrou-se de coisa tão importante e tão esquecida.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é publicada em diversas línguas e faz-se dela publicidade, como se se tratasse de algum produto cujo consumo se deseja promover. Até figuras públicas afirmam solenemente que todas as pessoas têm obrigação de os ler e de os saber.

É sintoma de desenvoltura política e maturidade cívica conhecer os trinta pontos da Declaração; por isso vemos nas estantes dos lares portugueses esse livrinho, para ser consultado, quando alguém da casa se lembrar dos direitos alheios... ou mais provavelmente dos seus...

Direitos humanos. Soa bem esta frase. Que orgulho sentem os que lhe fazem a apologia. É prova que se interessa pelo seu próximo, aquele que os sustenta e apregoa? Creio que não.

Afinal, aos olhos de Deus, o ser humano tem muito poucos direitos. Se cada pessoa se analisasse introspectivamente, com honestidade, verificaria que não tem o direito de reivindicar direitos.

Direitos do Homem -- afinal o que é isso?

A natureza decaída, egoísta, soberba, mesquinha, cruel, ingrata, vaidosa, intemperada, leviana, do monstro que se chama homem, não tem direito a ter direitos. Às vezes nem direito tem ao alimento tirado da terra, com o suor daqueles que injustamente costumam não ter direito a nada.

Direitos do Homem não deveriam existir. Deveriam existir era os Deveres do Homem. Deveres para com o seu próximo e para com o seu Criador. A própria Palavra de Deus contém muito poucos direitos para o ser humano. Estabelece é muitos princípios, deveres e estatutos.

Lembrem às pessoas os seus deveres; e não será preciso falar dos direitos dos outros. Porque quando falamos de direitos, fala-se de algo abstracto, por vezes indefinido. Falando de deveres, fala-se de algo concreto, a que é necessário dispensar atenção, esforço e altruísmo -- virtude que o ser humano já quase não possui.

Falando de direitos, fala-se de centralização de cada um em si próprio. Cada um tenta salvaguardar os seu próprios direitos.

Falando de deveres, automaticamente se fala de solicitude, apoio, concessão, liberdade, afecto, dedicação, desvelos, amabilidade, prestimosidade, civismo, justiça, gratidão e tudo o mais que pertença às sãs relações sociais.

Sejam pois os Deveres do Homem enaltecidos; e sejam abolidos os Direitos do Homem, pela sua superfluidade. Sejam gravados indelevelmente em cada coração os deveres para com todos; e sejam esquecidos os egocêntricos direitos de cada um.

(Manuel José Santos. 1976)

Para entendermos a superfluidade da Declaração Universal dos Direitos do Homem, analisemos a Mensagem Universal de Deus ao Homem.

Se a humanidade estivesse atenta ao que Deus estabelece através da sua Palavra e à exposição dos seus conceitos, e estivesse disposta a observá-los, nomeadamente o que diz respeito a esta matéria, não seria necessário escrever tratados nem declarações, para que houvesse justiça social e bom relacionamento entre as pessoas.

O seguinte quadro estabelece comparação entre o que dizem alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e o que diz a Bíblia:

| Declaração Universal dos Direitos do Homem | Bíblia |
|--|---|
| Artº 1 Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. | GÁLATAS 3.28 Não há diferença entre judeu e gentio, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres. Vocês constituem um todo em união com Cristo Jesus. |
| Artº 2 Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, | ACTOS 10.34 P Pedro disse então: Agora compreendo verdadeiramente que para Deus todos são iguais. Ele quer bem a todos os que o respeitem |

| | |
|--|--|
| <p>nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação.</p> <p>Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja este país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.</p> | <p>e cumprem a sua vontade, sejam de que raça forem.</p> |
|--|--|

É fácil depreender desta exposição que a Bíblia é suficiente para que o ser humano consiga a resolução dos seus problemas de ordem cívica.

“Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue e os vossos dedos de iniquidade. Os vossos lábios falam falsamente. A vossa língua pronuncia perversidade. Ninguém há que clame pela justiça, nem ninguém que compareça em juízo pela verdade. Confiam na vaidade e andam falando mentiras, concebem o trabalho e produzem a iniquidade.” Isaias 59.3-4

“Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a David um renovo justo; e sendo rei, reinará e prosperará e praticará o juízo e a justiça na Terra. Nos seus dias Judá será salvo e Israel habitará seguro. E este será o seu nome, com que o nomearão: O Senhor Justiça Nossa.”

Jeremias 23.5-6

Manuel Santos



Vitor Quinta

O cantinho da História

HERESIAS INTRODUZIDAS NOS PRIMEIROS TEMPOS DA IGREJA E PERPETUADAS ATÉ HOJE:

1ª parte: O SÁBADO substituído pelo DOMINGO

Como temos tido oportunidade de referir repetidas vezes, o Sábado é o Dia do Senhor. Esta afirmação tem suporte em inúmeras passagens bíblicas, algumas das quais apresentamos mais abaixo. Procuraremos evidenciar aqui as origens históricas das inovações e alterações à sã doutrina, introduzidas na Igreja de Cristo em períodos pós apostólicos, no que respeita à progressiva substituição do Sábado pelo Domingo (Sun-day, dia do sol) no seio das igrejas cuja doutrina foi adulterada.

Passemos à breve resenha histórica e aos argumentos apresentados:

- No ano 120, Inácio bispo de Antioquia invoca as seguintes “razões” para a guarda do Domingo:
 - ser o 1º. dia da Criação de Deus
 - Cristo ressuscitou nesse dia
 - Cristo apareceu aos discípulos nesse dia

- No Concílio realizado em 198 o assunto foi discutido e as “razões” aduzidas foram as seguintes:
 - a Criação iniciou-se num Domingo
 - a luz então apareceu
 - os israelitas atravessaram o Mar Vermelho

- em Êxodo 12:6 Moisés ordenou aos israelitas que observassem também o primeiro dia
 - em Salmos é dito: “Este é o dia criado por Deus, alegremo-nos e regozijemo-nos”
 - ser o dia da ressurreição do Senhor
-
- Em 305, o bispo de Orleans afirmou que “os apóstolos desejaram que este dia fosse tão honrado como o Sábado judeu”
 - Em 321, Constantino, Imperador romano promulga a lei que institui a observância do “venerável dia do sol”, o Domingo
 - Em 364, no Concílio de Laodiceia, o Canon 29 institui que “os cristãos não deveriam ter práticas judaizantes e, como tal, não deveriam estar ociosos mas deveriam trabalhar ao Sábado”
 - Porém, muitas igrejas cristãs continuavam a honrar o Sábado como o dia santificado por Deus. No ano 373, Atanácio, campeão da ortodoxia vem declarar “Estamos reunidos no dia de Sábado, não porque estejamos infectados pelo judaísmo, mas porque nos chegamos ao Sábado para adorar Cristo, o Senhor do Sábado”.
 - Em 386, Roma vem proibir todo o tipo de transacção ao Domingo
 - Em 416, Inocêncio I deu como “razão” que “o Domingo deveria ser honrado como um dia festivo”, equiparando o Domingo ao Sábado. Por volta de 459 as igrejas de Roma e Alexandria e suas afiliadas cessaram de honrar o Sábado, embora este ainda fosse o dia tido como santificado em muitas outras igrejas do mundo cristão
 - Em 585, no Concílio de Macon, na Gália, declarou-se que “este dia é a substância que para nós estava na sombra do 7º dia, na lei e nos profetas”.
 - Em 590, o Papa Gregório escreveu numa carta ao povo de Roma que “após a vinda de Cristo, os preceitos da lei que tinham sido figurativamente anunciados, não deveriam ser literalmente observados; recebemos este ensino no sentido espiritual que está escrito acerca do Sábado; que Cristo é o nosso Sábado”. E seguiu dizendo: “Devemos abster-nos de qualquer trabalho ao Domingo, sendo diligentes na oração, através da qual podemos expiar as nossas faltas dos outros

seis

dias”.

- Em 680, esta matéria evoluiu da seguinte forma no 3º. Concílio de Constantinopla:
 - neste dia caiu o maná no deserto
 - Cristo nasceu
 - foi mostrada a estrela aos magos do oriente
 - os 5.000 foram alimentados com 5 pães e 2 peixes
 - Cristo foi batizado no Jordão por João
 - ressuscitou no 1º. dia da semana
 - o Espírito desceu sobre os discípulos

- Em 767, o Arcebispo de York argumentou que “deveríamos guardar o Sábado espiritual ao Domingo” pela razão que este dia terá sido “santificado pela ressurreição de Jesus Cristo”.

- No ano de 791, no Concílio de Friuli, na Itália, falou-se do Sábado como o dia de descanso observado “pelos judeus e pelos nossos rústicos”. Foi neste Concílio que os falsos adoradores vieram declarar pela 1ª. vez que o Domingo é o “Sabbath” do Senhor.

- Em 797, o bispo de Orleans aponta também as seguintes “razões”:
 - Deus deu-nos a luz
 - o maná caiu no deserto
 - o Redentor ressuscitou
 - o Espírito desceu sobre os discípulos

- Em 829, o 2º. Concílio de Paris retira as seguintes conclusões: “como matéria de observação religiosa, o costume cresceu entre os cristãos baseado na tradição apostólica e, certamente na autoridade da igreja, para honrar o Domingo”:
 - em memória da ressurreição do Senhor
 - nesse dia Deus criou a luz para o mundo
 - o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos
 - como crêem alguns doutores da lei, o maná desceu do céu

- o respeito pelo Domingo não teve aceitação por uma parte considerável da cristandade
 - muitos dos padres ali reunidos testemunharam que muitos dos cristãos que trabalhavam ao Domingo morreram atingidos por raios; outros foram atingidos por tétano; e outros queimados sem que nada deles restasse
 - outros padres, embora não o tendo testemunhado, também ouviram falar dessas ocorrências
 - tais milagres mostram que a Divindade estava ofendida com a falta de respeito por tão grande dia
 - desonrar este dia é inconsistente com a cristandade
 - tal desonra envolve perigo para a alma do profanador
- Em 1069, a princesa Margarida que se tornou mulher do Rei da Escócia veio impor aos cristãos escoceses a abolição do Sábado como dia santificado e a proibição de trabalhar ao Domingo, entre outras medidas não cristãs. Como prêmio foi santificada por Roma após a sua morte.
 - No ano de 1567, o Concílio de Trento publica o seu Catecismo, no qual a igreja de Roma vem, finalmente, anular o 4º. Mandamento da Lei de Deus, instituindo oficialmente o Domingo como o “Sabbath” (dia de descanso) do Senhor.

Lembremos que este tipo de conclusões e heresias decorre em plena Idade Média (Idade das Trevas) onde a perseguição, o medo e a superstição campeavam sem freio sob a tutela da igreja de Roma. Esta é somente uma pequena amostra das muitas falsidades que se levantaram contra a verdade de Deus e da Sua Igreja e que, infelizmente, se perpetuaram até aos nossos dias com consequências fatais para os que aceitam a operação do erro satânico.

Sábado, o dia do Senhor

Perante argumentos tão néscios à luz dos preceitos divinos, só se pode responder com a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, acerca do significado do dia do Senhor em todos os tempos para a verdadeira Igreja de Cristo. Vejamos apenas algumas passagens:

- Na sua infinita sabedoria, o Criador estabeleceu um único dia de descanso em sete. Ele escolheu, apontou-o ao homem e santificou o dia Sábado, o 7º. dia da semana. Como facilmente se depreende, o Sábado não foi instituído para os

judeus, mas sim para o homem (**Marcos 2:27**).

- Do princípio (**Gênesis 2:3**) ao fim das Escrituras, só o Sábado (do pôr do sol de 6ª. Feira até ao pôr do sol de Sábado) é apontado como o dia santificado por Deus.
- Tanto Jesus Cristo (que não veio abrogar a Lei, mas cumpri-la, ou seja dar-lhe consistência e magnificá-la) quanto os apóstolos observaram este mandamento.
- Outras passagens que corroboram que o 7º. dia, o Sábado, é o Dia do Senhor:
 - **Marcos 2:27-28** – o Filho do Homem até do Sábado é Senhor
 - **Êxodo 20:8-11** – o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus. Não farás ...
 - Em **Apocalipse**, João diz que esteve em espírito no dia do Senhor; portanto no dia de Sábado
 - **Mateus 12:8** – Ele diz que é o Senhor do Sábado; portanto, o Sábado é o Dia do Senhor
 - **Isaías 56:1-7; 58:13-14** e **Ezequiel 20:12-13** e **20** são muito claros sobre a importância do Sábado na vida do servo de Deus: se o homem se abster de trabalhar no Sábado e o honrar...

Na realidade toda esta heresia representa o pleno cumprimento de duas profecias que dizem que o homem cuidaria em mudar os tempos e a Lei (**Daniel 7:25**) e que no seio da Igreja apareceriam lobos devoradores o que se veio a verificar imediatamente após o desaparecimento dos apóstolos.

O dia do Sábado pode ter morrido na cultura dos nossos dias, mas ele não pode morrer para os verdadeiros cristãos, aqueles que querem fazer a vontade de Deus (os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus – **Apocalipse 12:17** e **14:12**). Ele constitui o sinal entre a Igreja de Cristo e o Seu Senhor.

Em **2 Tessalonicenses 2:3; Actos 20:29-30** e **Apocalipse 2:4-5** a Igreja de Cristo é avisada que se deve manter vigilante quanto às mistificações da Palavra de Deus.

O tema não se esgota nesta breve abordagem do conteúdo bíblico. Desde o primeiro ao último livro da Bíblia que Deus manifesta a toda a humanidade que o 7º. dia é o Sábado do Senhor, o dia que Deus santificou para o homem nele repousar e estar ainda mais próximo Dele. Temos assim que a instituição do Domingo não representa outra coisa senão uma mistificação humana e diabólica (dia do sol), uma adulteração da Palavra de Deus. Esta Santa Palavra só nos aponta um dia santificado por Deus: o 7º. dia, o Sábado do Senhor.

Mantenhamo-nos pois fiéis ao Sábado como o sinal instituído entre Deus e o homem, entre Deus e o seu povo – **Ezequiel 20:10-11**.

O Sábado continua hoje a tipificar o período de descanso que irá decorrer na vida da humanidade no Reino Eterno de Deus (**Hebreus 4:1-10**) e continuará a ser observado mesmo após a segunda vinda de Cristo, durante o Milénio sobre toda a Terra (**Isaías 66:22-23**).

(Os dados históricos foram recolhidos de um artigo publicado entre Janeiro e Março de 97 pela Igreja de Deus – EUA)

Vitor Quinta



Manuel Santos

Poema

Três Pedras

Eram três pedras

Bonitas

Coloridas e vistosas

Eram, um tanto, formosas,

Mas, delas

A mais preciosa

Para mim

(É bom de ver)

Era a mais disforme e tosca

Dispu-las por preferências

E concebi este arranjo:

Eu

Tu

ELE

Mas

Sondando a consciência

Dei-lhes arranjo mais justo

E assim ficou disposto:

ELE

Tu

Eu

Manuel José Santos